

# ENTRE ASLAM E JESUS: A INFLUÊNCIA DO CRISTIANISMO NA OBRA DE C.S. LEWIS

*ASLAM AND JESUS: THE INFLUENCE OF CHRISTIANITY ON THE WORK OF C.S. LEWIS*

*ENTRE ASLAM Y JESÚS: LA INFLUENCIA DEL CRISTIANISMO EN EL TRABAJO DE C.S. LEWIS*

Barbara de Araújo Silva<sup>1</sup>  
Rafael Luchiari Segobia<sup>2</sup>  
Sandra Morais Ribeiro dos Santos<sup>3</sup>

## Resumo

Este estudo analisa a influência do Cristianismo na obra de C.S. Lewis, com foco na intersecção entre as figuras de Aslam e Jesus. A pesquisa busca compreender como o Cristianismo moldou as concepções de Lewis sobre mitos, o vazio existencial e a busca por Deus, destacando a relevância da produção literária de Lewis no campo da Teologia. Esta análise oferece uma oportunidade de explorar questões fundamentais sobre a natureza humana e suas buscas espirituais. O objetivo central deste estudo é investigar como C.S. Lewis enfrentou as complexidades do vazio interior e como suas influências cristãs se manifestaram em suas obras literárias. Para alcançar esses objetivos, foi realizada uma análise bibliográfica qualitativa, interpretativa e contextual. A análise dos dados concentrou-se em identificar padrões, temas recorrentes e relações entre a vida de Lewis, sua interpretação do Cristianismo e a manifestação dessas influências em sua produção literária. O estudo baseia-se em uma revisão bibliográfica de obras consagradas de C. S. Lewis, como “As Crônicas de Nárnia”, “Surpreendido pela Alegria” e “O Regresso do Peregrino”, além de contribuições de outros autores renomados, visando fundamentar e enriquecer a compreensão da influência cristã na literatura de Lewis.

**Palavras-chave:** apologética; cristianismo; C. S. Lewis; Nárnia; teologia.

## Abstract

This study examines the impact of Christianity on the works of C. S. Lewis, with a particular emphasis on the relationship between the characters of Aslan and Jesus. The objective of this research is to gain insight into the ways in which Christianity influenced Lewis’s conceptualizations of myths, existential emptiness, and the pursuit of God. This study aims to demonstrate the continued relevance of Lewis’s literary contributions within the domain of theology. This analysis provides an opportunity to examine fundamental questions pertaining to human nature and spiritual pursuits. The principal objective of this study is to examine the ways in which C. S. Lewis confronted the complexities of inner emptiness and to identify the way his Christian influences manifested in his literary works. To achieve these objectives, a qualitative, interpretative, and contextual bibliographic analysis was conducted. The data analysis aimed to identify patterns, recurring themes, and the relationships between Lewis’s life, his interpretation of Christianity, and the manifestation of these influences in his literary production. The study is based on a bibliographic review of well-known works by C. S. Lewis, including *The Chronicles of Narnia*, *Surprised by Joy*, and *The Pilgrim’s Regress*, as well as contributions from other renowned authors. The objective is to deepen and enrich the understanding of the influence of Christianity on Lewis’s literature.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Pesquisadora ativa no grupo de pesquisa em Arqueologia do Antigo Oriente Próximo (AAOP) pela PUC/PR. E-mail: araujosbabi.fraga@gmail.com

<sup>2</sup> Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Tecnólogo em Informática com Gestão Financeira pela FATEC - Faculdade de Tecnologia de Jahu (2011). E-mail: rafaluchiari@gmail.com

<sup>3</sup> Doutora e Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR). Pós-graduada em Docência no Ensino Superior e em EAD, Psicopedagogia Institucional e História das Religiões. Bacharel em Teologia, Licenciada em Pedagogia, Filosofia e Química. Professora do curso de Bacharelado em Teologia do Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: kaluribeiro@gmail.com

**Keywords:** apologetics; christianity; C. S. Lewis; Narnia; theology.

## **Resumen**

Este estudio analiza la influencia del cristianismo en la obra de C.S. Lewis, enfocándose en la intersección entre las figuras de Aslam y Jesús. La investigación busca comprender cómo el cristianismo moldeó las concepciones de Lewis acerca de mitos, el vacío existencial y la búsqueda por Dios, destacando la relevancia de la producción literaria de Lewis en el campo de la Teología. Este análisis ofrece una oportunidad para explorar cuestiones fundamentales sobre la naturaleza humana y sus búsquedas espirituales. El objetivo central de este estudio es investigar cómo C.S. Lewis enfrentó las complejidades del vacío interior y cómo sus influencias cristianas se manifestaron en sus obras literarias. Para llegar a esos objetivos, se realizó un análisis bibliográfico cualitativo, interpretativo y contextual. El análisis de los datos se concentró en identificar patrones, temas recurrentes y relaciones entre la vida de Lewis, su interpretación del cristianismo y la manifestación de estas influencias en su producción literaria. El estudio se basa en una revisión bibliográfica de obras consagradas de C.S. Lewis, como “Las crónicas de Narnia”, “Sorprendido por la alegría” y “El regreso del peregrino”, además de contribuciones de otros autores renombrados, Con el fin de fundamentar y enriquecer la comprensión de la influencia cristiana en la literatura de Lewis.

**Palabras clave:** apologética; cristianismo; C. S. Lewis; Narnia; teología.

## **1 Introdução**

A literatura sempre serviu como um reflexo dos questionamentos mais profundos da humanidade, proporcionando um terreno fértil para a exploração de temas filosóficos, espirituais e existenciais. Entre os muitos escritores que se aventuraram nesse campo, C.S. Lewis se destaca como um autor cujas obras transcenderam o entretenimento para oferecer uma profunda reflexão sobre a condição humana e sua relação com o divino. Segundo McGrath (2013), a obra de Lewis não apenas encantou leitores de diversas idades, mas também desafiou e inspirou debates acadêmicos sobre fé e razão.

No entanto, o que muitos podem não perceber à primeira vista é a profunda influência que o Cristianismo exerceu sobre a obra desse renomado autor. Esta influência não é apenas temática, mas estrutural, permeando a narrativa e a filosofia subjacente a seus escritos (Ward, 2008). Lewis, um convertido ao Cristianismo, utilizou suas convicções religiosas como um alicerce para sua literatura.

A problemática central deste trabalho reside na investigação da influência do Cristianismo na obra de C.S. Lewis, com foco especial na intersecção entre as figuras de Aslam e Jesus, bem como na reflexão do autor sobre mitos, vazio existencial e a busca por Deus. Ao delinear os contornos desse tema, surge a necessidade de compreender como as convicções religiosas de Lewis se manifestaram em sua escrita e como essas influências moldaram sua visão de mundo.

Os objetivos deste estudo são multifacetados. Em primeiro lugar, busca-se analisar como as crenças cristãs de Lewis permeiam suas obras literárias, fornecendo uma lente

através da qual o leitor pode explorar questões espirituais e filosóficas. Ademais, pretende-se compreender como o autor lidou com as complexidades do vazio interior, expressando suas convicções por meio da literatura. Para alcançar esses objetivos, adotamos uma metodologia bibliográfica qualitativa, interpretativa e contextual, analisando obras consagradas de Lewis e de outros autores influentes, como Agostinho de Hipona.

Esta pesquisa se baseia em uma ampla fundamentação teórica, que abrange desde a teologia cristã até a crítica literária. Autores como McGrath (2013), Root *et al.* (2013) e Ward (2008) serão invocados para enriquecer a discussão sobre a convergência entre Cristianismo e literatura na obra de C.S. Lewis. A organização deste trabalho segue uma estrutura lógica, dividida em seções que abordam a trajetória pessoal e intelectual de Lewis, a análise detalhada de suas obras principais, a exploração da “Dialética do Desejo” proposta por Lewis e as implicações teológicas e filosóficas de sua obra (Lewis, 2017, p. 181 *apud* Root *et al.*, 2013, p. 25).

## 2 Metodologia

Este trabalho adota a pesquisa bibliográfica qualitativa com o objetivo de alcançar a maior veracidade possível no processo de conhecimento do objeto de estudo. Segundo Gil (2011), a pesquisa bibliográfica consiste na busca e análise de informações contidas em diferentes tipos de materiais bibliográficos, como livros, artigos científicos, teses, dissertações e relatórios técnicos, entre outros. Esses materiais são selecionados com base em critérios específicos, como a relevância para o tema em questão, a atualidade e a confiabilidade das fontes.

A análise dos dados será conduzida de maneira interpretativa, buscando identificar padrões, temas recorrentes e relações entre a vida de C.S. Lewis, sua interpretação do Cristianismo e a manifestação dessas influências em sua produção literária. Além disso, a análise textual será complementada por uma abordagem contextual, considerando o período histórico e o contexto social em que o autor estava inserido.

Conforme Minayo (2015, p. 15), a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem, os instrumentos de operacionalização do conhecimento e a criatividade do pesquisador, abrangendo sua experiência, capacidade pessoal e sensibilidade. Assim, a metodologia empregada neste estudo vai além das técnicas, incorporando as concepções teóricas da abordagem, articulando-se com a teoria, com a realidade empírica e com os pensamentos sobre a realidade.

Os parâmetros utilizados para a elaboração do acervo bibliográfico empregado neste trabalho partiram do propósito de buscar, no que tange a obras literárias, autores e livros consagrados, como C.S. Lewis, tanto em “As Crônicas de Nárnia” como em “Surpreendido pela Alegria” e “O Regresso do Peregrino”, entre outras obras de autores renomados.

### **3 Revisão bibliográfica/estado da arte**

#### **3.1 C. S. Lewis: um peregrino intelectual e espiritual**

Clive Staples Lewis, conhecido como C.S. Lewis, nasceu em Belfast, Irlanda do Norte, em 29 de novembro de 1898. Sua trajetória de vida foi marcada por uma infância peculiar e desafiadora, que teve influências significativas em sua posterior jornada intelectual e espiritual (Lewis, 2013, p. 11).

Segundo a obra *Surpreendido pela Alegria* (Lewis, 2013, p. 24), Lewis perdeu sua mãe ainda na infância e, posteriormente, seu pai, eventos que o deixaram órfão levando-o a mudar-se de casa para um internato, além de o inclinarem ao ateísmo. A experiência nesse ambiente ímpar contribuiu para o desenvolvimento de sua imaginação e criatividade, influenciando diretamente suas futuras obras.

Na juventude, Lewis desenvolveu sua paixão pela literatura clássica e mitologia, estudando na Universidade de Oxford, onde se destacou como acadêmico. Sua amizade com J.R.R. Tolkien e outros membros do “*Inklings*”, grupo informal com enfoque em questões relacionadas à fé cristã e produção literária, foi fundamental para seu desenvolvimento (Mcgrath, 2013b, p. 153).

Ainda, segundo McGrath (2013b, p. 128), a vida de Lewis sofreu mudanças significativas após tornar-se cristão. Inicialmente, um ateu convicto, Lewis gradualmente foi influenciado por debates filosóficos, conversas com amigos crentes, além de suas próprias reflexões sobre a natureza humana. Essa trajetória espiritual culminou em sua conversão ao Cristianismo em 1931.

A transformação de Lewis do ateísmo à religiosidade não foi um evento isolado; ela moldou sua visão de mundo e deixou uma marca indelével em sua produção literária subsequente. Sua abordagem teológica, expressa de maneira perspicaz e acessível, atraiu um público amplo, contribuindo para seu status como um dos pensadores cristãos mais influentes do século XX (Mcgrath, 2013b, p. 125).

#### **3.2 A consciência do vazio e a busca pela alegria**

A peregrinação e a busca por um propósito indefinido são temas recorrentes na literatura mundial, refletindo a condição humana em sua incessante busca em direção ao desconhecido. No corpus literário de C. S. Lewis, essa temática se revela constante, manifestando-se na busca por um “lugar secreto”, interpretado, na perspectiva cristã, como o “Paraíso” (Root *et al.*, 2013, p. 21).

Segundo Atenas (1999, p. 9), filósofo e matemático grego nascido em 428 a.C., os desejos humanos são guiados por um impulso natural em direção à realização transcendente, que não pode ser alcançada ou experimentada por meio de coisas materiais ou mundanas. Ele chamou esse impulso de “*eros*” ou “amor”, que impelia as pessoas a uma busca pelo conhecimento e pela verdade. Já na perspectiva teológica de Agostinho, conforme exposto em Confissões (Hipona, 2017, p. 13), o autor afirma que Deus criou o ser humano para cumprir seu propósito fundamental: uma relação redentora e salvífica, a humanidade não pode realizar plenamente sua vocação sem esse vínculo vital com o Criador.

C. S. Lewis frequentemente expressava sua concordância com a visão de Agostinho de Hipona de que o ser humano possui um desejo inato e insaciável por Deus, sendo essa sensação de vazio uma das características mais fundamentais da experiência humana, resultado da separação entre o homem e seu Criador devido ao pecado. Essa ideia é comumente associada ao conceito de “coração inquieto” de Agostinho, conforme escreveu em sua obra “Confissões” (Hipona, 2017, p. 13). Blaise Pascal, no século XVII, complementa essa análise, argumentando que a experiência humana de vazio e nostalgia aponta para o verdadeiro destino da humanidade. A avidez e impotência humanas sugerem que em algum momento existiu uma verdadeira felicidade sendo o vazio atual a ressonância desse estado perdido. Pascal propõe que apenas algo infinito e imutável, isto é, Deus, pode preencher esse abismo infinito (Pascal, 2003, p. 113).

### 3.3 Dialética do desejo e o encontro com a alegria

C. S. Lewis propôs que as pessoas tendem a amarrar seu desejo e interesse em algo em que esperam alcançar satisfação e plenitude, mas por fim só alcançam decepção, repetindo, em seguida, o mesmo processo, buscando por outro objeto de devoção e que resultará nos mesmos frustrantes resultados. A isso Lewis deu o nome de “Dialética do Desejo” (Lewis, 2017, p. 181, *apud* Root *et al.*, 2013, p. 25).

No primeiro livro escrito, após a sua conversão ao Cristianismo, intitulado “O Regresso do Peregrino”, o autor discorre sobre a busca por um “objeto”, no caso, uma ilha, na qual o

protagonista chamado John espera encontrar a satisfação desejada (Root *et al.*, 2013, p. 25). John, após ter a visão da referida ilha é tomado por grande euforia e sai em busca desse lugar. Ao partir para o Norte, depara-se com a razão e com a frieza racionalista, partindo para o Sul, encontra o romantismo e a subjetividade. Essa polarização simbólica reflete a crença de Lewis de que a primeira questão a ser resolvida é encontrar concórdia entre a mente e os sentimentos, a razão falha e o coração desvia-se, de modo a deixar qualquer pessoa tão perdida quanto o protagonista. Para Lewis, a história de John é a história de todo ser humano, sempre propenso a vagar e talvez a se perder (Root *et al.*, 2013, p. 29-30).

Lewis, por meio da trajetória de John, expõe as armadilhas da filosofia racionalista, do romantismo, da psicanálise freudiana, do hedonismo, liberalismo religioso, niilismo, entre outros sistemas de crenças ao demonstrar como cada um deles, embora prometam uma solução para o vazio interior, acabam por deixar o indivíduo desiludido e insatisfeito. O próprio Lewis reconhece ter sido iludido por tais pensamentos (Mcgrath, 2013b, p. 151).

C.S. Lewis postula que o desejo inato que permeia toda a experiência humana se manifesta em três dimensões distintas: o anseio de retornar à verdadeira casa, o desejo por um relacionamento genuíno e a busca por restauração do que está quebrado em nós. Essa essência do desejo é encapsulada por Lewis sob o termo “Alegria”. Esse fenômeno representa não apenas um impulso motivador em direção a um objetivo supremo, mas também uma inquietação profunda que transcende as satisfações efêmeras do mundo material. O autor sugere que somente Deus pode plenamente satisfazer esse desejo essencial, atraindo os indivíduos para si, por meio da multiplicidade e beleza do mundo criado (Root *et al.*, 2013, p. 48).

A experiência do desejo revela não apenas a identidade essencial do indivíduo, mas também sugere a última finalidade de sua existência, inicialmente interpretado como uma ânsia por realizações tangíveis no plano material. Esse desejo, conforme Lewis propõe, revela-se insaciável pelas satisfações terrenas similarmente ao protagonista de sua obra, John, que inicialmente almeja uma ilha, mas progressivamente percebe que seu desejo mais profundo está direcionado ao “Proprietário” - uma referência a Deus na terminologia de Lewis (2022, p. 240).

O ápice desse desejo intrínseco é abordado por Lewis em seu “Argumento do Desejo”, central em sua apologética cristã, que ecoa as premissas de Blaise Pascal. O autor enfatiza a presença de um abismo existencial dentro da alma humana, sugerindo que somente Deus pode preencher essa lacuna. Por meio da imagem da "cadeira" na alma humana, Lewis ilustra a necessidade inerente de um hóspede divino. Nessa linha de raciocínio, ele invoca a máxima pascaliana, argumentando que se a natureza não age em vão, então a existência de um ser capaz de ocupar essa cadeira é inevitável (Mcgrath, 2013b, p. 151-152).

Dentre suas obras, os sete volumes de “As Crônicas de Nárnia” trazem todos esses elementos descritos nos mais diversos personagens e situações, o estudo de caso abaixo procura elencar e exemplificar essa abordagem prática.

#### 4 Nárnia, um estudo de caso

Este artigo vem discorrendo sobre a vida e obra de C. S. Lewis de modo a contextualizar, entre outras coisas, como esses acontecimentos, vivências e influências se unem na construção de sua mais relevante obra, As Crônicas de Nárnia. Os diversos acontecimentos que a compõem podem ser paralelamente comparados com os fatos narrados na Bíblia Sagrada Cristã, existindo em ambas o relato da criação, traição, pecado, profecias messiânicas, redenção, além do fim do mundo atual para o surgimento do paraíso tão ansiado.

Root *et al.* (2013, p. 325) argumenta que a intenção de Lewis era que sua ficção escapasse dos preconceitos dos leitores com o cristianismo. Lendo o evangelho de forma alegórica, a imaginação das pessoas ficaria mais preparada para receber a verdade direta, seja na leitura da Bíblia Sagrada ou mesmo em uma pregação. Root *et al.* (2013) diz também que o livro tem a capacidade de encantar, tornar o bem real e desejável, além de nos fazer desejar nosso verdadeiro destino, temas esses que encantam crianças e adultos.

Analisando a heptalogia narniana<sup>4</sup>, em paralelo às Escrituras Sagradas Cristãs, além da perspectiva teológica de C.S. Lewis, esse estudo de caso pretende demonstrar como o impacto da presença divina, a temática da busca por propósito, a presença do mal e do pecado, peregrinação, fé, perda, conversão, vazio existencial, esperança e redenção, são apresentadas nas mais diversas aventuras que compõem “As Crônicas de Nárnia”.

##### 4.1 Em face do encantamento

Assim como a Bíblia Sagrada apresenta Jesus Cristo como ponto central, ao qual tudo se direciona, Lewis apresenta a misteriosa figura de Aslam, que, segundo Ward (2008), é uma representação de Jesus Cristo e da busca do ser humano por uma conexão divina. O personagem Senhor Castor descreve-o como o Rei dos Bosques, Filho do Imperador de Além-mar, o Leão, rei dos animais (Lewis, 2020, p. 137). O fato de Lewis elaborar Aslam como um leão já traça o primeiro paralelo óbvio com Jesus Cristo, que na Bíblia Sagrada é chamado de “Leão da Tribo de Judá” (Apocalipse 5:5 e Filipenses 2:9). Na iconografia narniana, a presença do Grande

---

<sup>4</sup>Termo utilizado para designar uma série de sete obras literárias ou cinematográficas que compartilham uma continuidade narrativa.

Leão, é sempre acompanhada de grande espanto e temor. C.S. Lewis descreve essa experiência como um misto de medo e assombro, um tremor que paradoxalmente traz uma alegria inexplicável (Lewis, 2020, p. 262).

Em “O Sobrinho do Mago”, o primeiro volume da heptalogia, a reação dos personagens ao ouvir o canto de Aslam é de um assombro avassalador. Esse canto, descrito como o som mais belo já ouvido, é tão sublime que se torna quase insuportável. No entanto, o que realmente os impacta é a visão do dono daquela voz. Todas as outras maravilhas que presenciaram são eclipsadas pelo enorme e reluzente leão a menos de trezentos metros de distância. A presença de Aslam lhes provoca um profundo medo, uma sensação de serem observados, mas também um desejo intenso de serem vistos por ele (Lewis, 2020, p. 61).

Quanto aos quatro irmãos Pevensie, protagonistas do volume 2, “O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupas”, ao ouvirem o nome do Grande Leão pela primeira vez na casa do Senhor Castor, ficam tremendamente encantados mesmo sem nunca terem ouvido falar dele ou saber ao certo quem ele é. Lewis chamou isso de “numinoso”, um encontro com algo totalmente diferente e diverso de nós mesmos. Cada um dos jovens tem uma reação distinta: em Edmundo, uma intensa sensação de horror; em Pedro, uma súbita coragem; em Susana, uma melodia prazerosa; e em Lúcia, uma alegria matinal (Root *et al.*, 2013, p. 330).

McGrath (2013b, p. 238) afirma que para compreender a força da descrição de Aslam, feita por C.S. Lewis, é crucial avaliar a importância que ele atribuía à obra clássica de Rudolf Otto, “O Sagrado” publicada em 1923. Lewis, que leu Otto pela primeira vez em 1936, foi profundamente influenciado pelo conceito do “numinoso” — uma qualidade misteriosa e assombrosa de certas realidades, descritas como “iluminadas por uma luz de outro mundo”. No capítulo inicial de “O Problema do Sofrimento”, Lewis analisa a ideia de Otto, exemplificando sua importância com uma passagem de “O Vento nos Salgueiros” de Kenneth Grahame. Essa cena, onde o Rato e a Toupeira sentem uma presença augusta, claramente influenciou a forma como Lewis descreveu o impacto de Aslam sobre as crianças e os animais da Nárnia. Otto distingue entre “*mysterium tremendum*”, que evoca temor e tremor, e “*mysterium fascinans*”, um mistério que fascina e atrai (McGrath, 2013b, p. 239).

O autor conclui que a descrição de Lewis do “numinoso” não apenas evoca maravilhamento e assombro, mas também um “amor inefável”, capturando a complexa sensação de desejo profundo e assombro espiritual que Aslam inspira. Assim, Lewis apresenta Aslam como o desejo do coração, um anseio que fala às profundezas da alma, refletindo uma experiência religiosa profunda e multifacetada. O que melhor representa esse sentimento é a frase que Pedro diz logo após o assombro com o nome do Leão, “Eu anseio vê-lo, mesmo me

sentindo assustado”, ou seja, Pedro teve uma sensação de mistério que evoca temor e tremor (Lewis, 2020, p. 138).

A Bíblia Sagrada é rica em expressões que demonstram esse sentimento. Trata-se de um terror impregnado de um assombro que nenhuma criatura, nem a mais ameaçadora e poderosa, pode incutir. Tem algo de “fantasmagórico”. Ao se deparar com a presença de Deus, todos os personagens bíblicos caem por terra, assombrados e encantados. O profeta Isaías, ao se ver na presença do Senhor, exclama “Ai de mim, pois estou perdido!” (Isaías 6:5), o apóstolo João ao ver Jesus Cristo glorificado em Apocalipse (capítulo 1:17) diz: “E eu, quando o vi, caí a seus pés como morto”. Lewis empresta o assombro bíblico e o incute na descrição do seu mais icônico personagem, de modo que todo o que se deparar com ele saiba, assim como os relatos bíblicos descrevem, que a presença do divino está manifesta e encarnada, ou como o Filho do Homem, ou como o grandioso Leão Aslam.

#### 4.2 No princípio

A criação de Nárnia é apresentada em “O Sobrinho do Mago” o primeiro volume de “As Crônicas de Nárnia” onde também são narradas as aventuras de Digory e Polly, duas crianças que se tornam amigos após Digory mudar-se para Londres com os tios, que considera “doidos”, e com a mãe, muito doente, às portas da morte (Lewis, 2020, p. 12).

A história se desenrola quando as crianças são ludibriadas pelo excêntrico Tio André para utilizarem anéis mágicos que os transportam para outra dimensão. Inicialmente, eles caem no “Bosque Entre Dois Mundos”, uma encruzilhada onde vários universos se conectam por meio de portais em forma de lagos. Ao pularem em um desses lagos, chegam ao reino de Charn, onde encontram Jadis, a Feiticeira Branca, que simboliza o mal, a tentação e a corrupção. Digory, por teimosia e curiosidade, desperta Jadis ao tocar um sino mágico. A feiticeira havia lançado um encantamento chamado “Palavra Execrável”, que destruiu todos em seu mundo, deixando-a paralisada até ser despertada (Lewis, 2020, p. 38).

Em meio a muitos acontecimentos e desventuras, Digory, Polly e a Jadis vão para Londres, onde um grande tumulto é causado pela feiticeira. Digory tenta levá-la de volta para Charn usando os anéis mágicos, mas na confusão, ele acaba transportando, além de Polly e Jadis, seu Tio André, um cocheiro e seu cavalo, chamado Morango. Todos eles são levados a um lugar desconhecido, um mundo ainda em estado de escuridão e vazio absoluto. O silêncio é então quebrado por um canto majestoso: o canto de Aslam, o Grande Leão, que começa a criar e dar vida a Nárnia (Lewis, 2020, p. 54).

Esse primeiro relato remete à criação do mundo segundo Gênesis 1 e 2, além de ecoar o Evangelho de João capítulo 1 e a Carta aos Colossenses capítulo 1. No primeiro capítulo de Gênesis, é dito que o mundo é criado pelo poder da Palavra de Deus. O verbo hebraico “*VaYomer*” — “E disse Deus” — destaca que Deus cria e dá vida pela autoridade de Sua Palavra. De acordo com o Novo Testamento, Jesus é a Palavra de Deus, ecoando a descrição do início da criação no Evangelho de João: “No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus. Todas as coisas foram feitas por Ele” (João 1:1-3). O termo grego “*logos*” traduz “*memra*” do aramaico, ambos significando “palavra”, reforçando a ideia bíblica de que a Palavra de Deus traz vida (Blum, 2018). A Carta de Colossenses reforça essa ideia ao afirmar que Jesus Cristo é a imagem do Deus invisível e que, por meio d’Ele, todas as coisas no céu e terra foram feitas. Essas referências sublinham a centralidade de Cristo na criação e sustentação do universo, assim como Aslam desenvolve tal papel na criação de Nárnia.

Assim como o Deus cristão cria o mundo pelo falar, Aslam, o Grande Leão, cria Nárnia por meio do seu canto (Lewis, 2020, p. 59). O paralelo entre Aslam e Jesus ilustra a criação como um ato de comunicação divina, onde o canto de Aslam em Nárnia é análogo à palavra vivificante de Deus no relato bíblico.

Outro paralelo entre ambas as narrativas é a entrada do mal em um mundo jovem e puro, ao despertar Jadis, Digory foi responsável pela sua chegada em Nárnia (Lewis, 2020, p. 66). Ao desobedecer às ordens de Deus em Gênesis (capítulo 3), Adão e Eva são responsáveis pela entrada do pecado no mundo, mas isso não é o fim da esperança pois tanto Deus ao dizer a serpente (símbolo do mal) que um dia “O Filho da Mulher” lhe pisaria a cabeça (Gênesis 3, 15), quanto Aslam ao dizer que o pior cairá sobre ele mesmo (Lewis, 2020, p. 74), garantem uma forma de redenção para a maldade recém-descoberta.

Aslam envia Digory, Polly e Morango em busca de um fruto que dará origem a uma árvore que protegerá Nárnia dos poderes da feiticeira por muitos anos, mas antes de partir o jovem Digory é confrontado pelo Leão por suas atitudes, mas, apesar de esperar uma dura repreensão, é tratado com ternura e amor, Aslam se compadece da dor do garoto pela doença da mãe (Lewis, 2020, p. 77) assim como Hebreus capítulo 4, verso 15, diz que Jesus é capaz de compadecer-se das fraquezas e dores do ser humano.

Ao chegarem ao local indicado por Aslam para encontrar a semente, Digory é tentado por Jadis a trair o leão com a promessa de salvar sua mãe (Lewis, 2020, p. 86). Esse momento evoca a narrativa de Gênesis 3, onde o primeiro casal humano é convencido a se apossar de um fruto que não lhes pertencia. Digory, no entanto, resiste à tentação e faz o correto, levando o fruto ao leão. Da árvore que é plantada com essa semente, surge uma maçã que Aslam dá a

Digory para curar sua mãe. Com o resto da maçã trazida de Nárnia, Digory planta uma árvore em seu próprio mundo. No futuro, ele usará a madeira dessa árvore para construir um guarda-roupa, que desempenhará um papel crucial nas histórias subsequentes (Lewis, 2020, p. 97).

O cocheiro e sua esposa, trazida a Nárnia por Aslam, são coroados rei e rainha de Nárnia, o primeiro casal humano nesta nova terra, tal qual Adão e Eva (Gênesis 2).

O arco do Tio André representa o que a Bíblia chama de pessoas de “dura cerviz” (At 7:15), sempre resistindo ao chamado para a salvação. Sobre ele, Aslam diz que o próprio se colocou fora do alcance da sua voz, incapaz de ouvir o que lhe traria bem (Lewis, 2020, p. 91).

Dessa forma, com as crianças voltando para casa junto com o tio, um novo rei instituído para cuidar de Nárnia e a feiticeira expulsa por muitos anos, uma era de prosperidade se dá nesse novo reino criado pelo Leão.

#### 4.3 O evangelho segundo C.S. Lewis

Embora “O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa” seja o segundo livro em ordem cronológica da série, ele foi o primeiro volume escrito e publicado por Lewis. O autor utiliza a narrativa de Nárnia para explorar e ilustrar conceitos teológicos, oferecendo aos leitores uma compreensão mais profunda dos ensinamentos cristãos por meio da fantasia literária. Segundo Root *et al.* (2013, p. 324), a narrativa presente no referido livro abarca todos os temas principais da teologia cristã de forma renovada e inesquecível trazendo a essência do Evangelho: pecado, sacrifício, perdão e vida nova.

O enredo da obra centra-se nos quatro irmãos Pevensie: Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia, que se mudam de Londres para o campo sob os cuidados do Professor Kirk. Durante a exploração do casarão, os irmãos descobrem um guarda-roupa peculiar, confeccionado com a madeira de Nárnia, conforme revelado no primeiro volume da série. Lúcia, a mais jovem, é a primeira a adentrar Nárnia, onde encontra o fauno Sr. Tumnus à luz de um lampião (Lewis, 2020, p. 105). Lúcia percebe que Nárnia está submetida a um inverno eterno, imposto pela Feiticeira Branca, resultando em um cenário onde “sempre é inverno e nunca Natal” (Lewis, 2020, p. 110).

Ao retornar para casa, Lúcia relata sua aventura aos irmãos, mas esses não acreditam em sua narrativa. Esse trecho ressoa com as palavras de Jesus no Evangelho de Mateus: “Deixem vir a mim as crianças e não as impeçam, pois o reino dos céus pertence aos que são semelhantes a elas” (Mt 19:14), destacando a pureza infantil de Lúcia, que lhe permite contemplar o novo mundo sem medo.

Edmundo, o irmão céptico e antagonista, também chega a Nárnia, mas, ao contrário de Lúcia, não aprecia o lugar. Ele encontra a Feiticeira Branca, autoproclamada “Rainha de Nárnia”, que o seduz com doces enfeitiçados, induzindo-o a trair seus irmãos ao revelar informações desejadas por ela. Quando Lúcia o encontra e ambos retornam para casa, Edmundo nega veementemente a experiência compartilhada, causando grande tristeza à irmã (Lewis, 2020, p. 117). Em um dia subsequente de brincadeiras, todos os irmãos ingressam novamente no guarda-roupa mágico e, desta vez, todos são transportados juntos para Nárnia.

Estando neste país desconhecido, os irmãos são abordados pelo Senhor Castor, um animal falante de Nárnia, que os leva para sua casa e explica o que está acontecendo. O Senhor Castor figura como uma representação de João Batista no relato bíblico, sendo aquele que anuncia as boas novas. João Batista se refere a si mesmo como “uma voz que clama no deserto: Preparem o caminho para a vinda do Senhor!” (João 1:23), proclamando que Jesus é o Messias esperado, muito mais poderoso, existindo antes do próprio João. Os sinais que Jesus demonstra fazem João testemunhar que Ele é o Cordeiro de Deus. De maneira semelhante, o Senhor Castor anuncia a esperança e a solução para o problema que o mal trouxe à Nárnia: a chegada de Aslam.

Assim como João Batista anunciou a vinda de Jesus, o Senhor Castor anuncia a chegada de Aslam (Lewis, 2020, p. 133), que, tal como Jesus, enfrentará os usurpadores de seu trono legítimo. Ambos, Aslam e Jesus, são verdadeiros reis que, para redimir seus respectivos mundos, enfrentam o mal ao custo de suas próprias vidas, agindo de forma surpreendente ao que era esperado por seus seguidores e inimigos.

A morte de Jesus Cristo, conforme relatada nos quatro evangelhos, inverte radicalmente a expectativa messiânica tradicional sobre como o mal seria vencido. Os judeus do primeiro século esperavam um Messias guerreiro, que libertaria Israel do jugo romano e restauraria o reino de Davi. Contudo, o Filho de Deus é crucificado entre criminosos, na forma mais humilhante possível, sendo identificado pelo profeta Isaías (53:3) como o “homem de dores, acostumado ao sofrimento” (Macarthur, 2018, p.43). Essa descrição destaca a total inversão da expectativa: em vez de um triunfo militar, a vitória de Cristo é alcançada por meio do sacrifício e da aparente derrota.

De maneira análoga, C.S. Lewis apresenta Aslam, o Grande Leão de Nárnia, enfrentando um dilema semelhante ao buscar redimir Nárnia do mal. No primeiro volume da heptalogia, “O Sobrinho do Mago”, Digory, acidentalmente, introduz o mal em Nárnia ao trazer Jadis, a Feiticeira Branca, para esse mundo. No segundo volume, “O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa”, o mal é agravado pela traição de Edmundo, que tenta entregar seus irmãos à

feiticeira. Conforme explicado por Jadis, Nárnia está sujeita a uma lei chamada “Magia Profunda”, uma lei tão fundamental que até Aslam deve obedecer. Segundo essa lei, a vida do jovem traidor, Edmundo, pertence à feiticeira (Lewis, 2020, p. 165). A Magia Profunda pode ser vista como uma alegoria da justiça divina, onde o pecado exige uma reparação.

O sacrifício de Aslam representa um arquétipo messiânico e exemplifica o conceito de substituição penal presente nas Sagradas Escrituras, apresentando um paralelo com a teologia paulina, onde o Apóstolo Paulo afirma que a humanidade, ainda inimiga de Deus, foi reconciliada com o Pai pela morte de Cristo (Romanos 5:10). Assim, Lewis utiliza o personagem para explorar e ilustrar profundos conceitos teológicos, especialmente a doutrina da expiação e da redenção (Root *et al.*, 2013, p. 324). Por meio do sacrifício e ressurreição de Aslam, reverbera a esperança e a transformação que estão no coração da fé cristã, onde a aparente derrota na cruz se transforma na vitória final sobre o pecado e a morte.

Aslam é humilhado e morto na Mesa de Pedra, um local sagrado e tão antigo quanto Nárnia, o evento é testemunhado por Susana e Lúcia (Lewis, 2020, p. 171), estabelecendo outro paralelo bíblico com as mulheres que seguiram Cristo até o Calvário (Mateus 27:55-56). Mas, na manhã seguinte, a morte é vencida, a Mesa de Pedra se parte e Aslam volta a vida, como o próprio explica:

A feiticeira pode conhecer a Magia Profunda, mas não sabe que há outra magia ainda mais profunda. O que ela sabe não vai além da aurora do tempo. Mas, se tivesse sido capaz de ver um pouco mais longe, de penetrar na escuridão e no silêncio que reinam antes da aurora do tempo, teria aprendido outro sortilégio. Saberá que, se uma vítima voluntária, inocente de traição, fosse executada no lugar de um traidor, a mesa estalaria e a própria morte começaria a andar para trás (Lewis, 2020, p. 174).

Com Aslam ressurreto, os três partem para a batalha contra o exército de Jadis, que já estava em andamento com Pedro no comando das tropas narnianas. Ao rugido do leão, acompanhado pelos narnianos que outrora estavam presos no castelo de Jadis, o exército do bem ganha novo ânimo e consegue subjugar as forças malignas com a vilã sendo morta por Aslam, destruindo o reinado maligno, assim como Cristo diz nos seus últimos momentos na cruz, a vitória está consumada (João 19:30).

A jornada de Aslam, portanto, não só resgata Edmundo, que passa a ser uma nova pessoa, sendo chamado de Edmundo, o Justo, em referência a Carta aos Romanos (3:22), mas também toda Nárnia do jugo maléfico, reafirmando o tema da redenção e do triunfo divino. A alegoria cristã se desenrola por meio da experiência narniana, refletindo o poder transformador do sacrifício e da ressurreição, e consolidando a narrativa como uma rica tapeçaria de significados teológicos. De forma semelhante, na Carta aos Colossenses (2:14-17), Paulo

descreve como Cristo, por meio de sua crucificação, despojou os poderes malignos e humilhou publicamente o diabo, personificação bíblica do mal.

Lewis apresenta ainda outro paralelo muito evidente entre a Aslam e Jesus conforme registrado na escrita Joanina, tanto ao que se refere ao Evangelho quanto ao Apocalipse. No livro “A viagem do Peregrino da Alvorada” Aslam se apresenta a Lúcia e Edmundo, transformado em um cordeiro, convidando-os para comerem com ele em uma praia, os jovens inicialmente não o reconhecem como o Grande Leão (Lewis, 2020, p. 513), o que é uma clara referência a João 21, onde Jesus faz o mesmo com seus discípulos, comendo com eles sem que de imediato eles o reconheçam. A forma de cordeiro remete a expressão bíblica muito comum de “cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”, mas principalmente ecoa o texto de Apocalipse 5 entre muitos outros, em que Jesus figura como “um cordeiro que havia sido morto”, mas no verso 5 é chamado de “Leão da tribo de Judá”, outro claro paralelo com Aslam.

Por meio desta análise, podemos compreender não apenas a resolução imediata do conflito, mas também as transformações duradouras que a vitória traz à sociedade narniana, correlacionando-as com os ensinamentos e princípios encontrados nos textos bíblicos, além de observar a clara intenção do autor em criar um elo entre o leão Aslam e Jesus Cristo.

#### 4.4 Peregrinação e a busca pela verdadeira Nárnia

A temática da peregrinação em Nárnia é particularmente observada nos personagens Príncipe Caspian, Ripchip e Eustáquio. Lewis explora a “dialética do desejo”, composta por três pilares: a busca pelo verdadeiro lar, o desejo por relacionamentos genuínos e a restauração do que está quebrado dentro do ser humano (Lewis, 2017, p. 181 *apud* Root *et al.*, 2013, p. 25).

Príncipe Caspian, o protagonista do quarto volume, é o legítimo rei de Nárnia, cujo trono foi usurpado por seu tio, Miraz. Após Miraz tornar-se pai, ele decide eliminar Caspian para evitar futuras disputas. Com a ajuda dos irmãos Pevensie, Caspian luta não apenas pelo trono, mas pela restauração da era dourada de Nárnia, fundamentada em justiça, amizade e fidelidade. Desde pequeno, Caspian ouviu histórias sobre Aslam e criaturas mágicas, que cultivaram nele uma paixão pela verdadeira Nárnia, suprimida pela tirania dos Telmarinos (Lewis, 2020, p. 317).

A jornada de Caspian transcende a mera reivindicação do trono, buscando construir uma comunidade autêntica, refletindo o anseio humano por conexões genuínas e duradouras. Sua trajetória, estendida por dois volumes, ilustra a busca pelo “lugar” mítico, manifestando a “alegria” e a “dialética do desejo” exploradas por Lewis. Com novos aliados, Caspian convoca

os irmãos Pevensie. Embora apenas um ano tenha passado para eles, séculos transcorreram em Nárnia, transformando Aslam e os antigos reis em lendas. O retorno dos Pevensie e de Aslam fortalece Caspian, que, após enfrentar batalhas e traições, derrota os Telmarinos e Miraz. Enfim, Caspian é consagrado como Rei de Nárnia e Cavaleiro da Ordem do Leão por Aslam, cumprindo seu verdadeiro destino.

Caspian é uma analogia ao personagem bíblico Moisés, criado fora de seu ambiente natural e próximo à realeza, forçado a fugir para salvar sua vida. Ambos não compreendem inicialmente seus propósitos até que uma força superior os revela. Aslam, para Caspian, é como a Sarça Ardente para Moisés, guiando-os a liderar e proporcionar descanso temporário ao povo, com a conclusão definitiva além de seu alcance, prevista para a Nova Nárnia ou a Nova Jerusalém (Apocalipse 21:1). Segundo Hebreus 4:8, um “novo dia” de descanso ainda aguarda. Caspian continuará sua busca em “A Viagem do Peregrino da Alvorada” e “A Cadeira de Prata”, sem encontrar neste mundo o descanso final.

Ripchip, o valente rato guerreiro, representa o desejo profundo de retornar ao verdadeiro lar. Introduzido em “Príncipe Caspian”, sua história se desenvolve em “A Viagem do Peregrino da Alvorada”. Ripchip, apesar de sua pequena estatura, possui grande coragem e compaixão, tornando-se amigo de Eustáquio. Seu desejo de encontrar o “País de Aslam” simboliza o anseio humano pelo paraíso perdido. No início de sua jornada, Ripchip tende a conferir um valor excessivo à sua honra, não admitindo nenhum tipo de brincadeira com seu tamanho ou capacidade, sendo inclusive repreendido por Aslam por tal atitude.

Em “A Viagem do Peregrino da Alvorada”, Ripchip revela seu desejo de encontrar o “País de Aslam”, inspirado por uma canção ouvida na infância: “Onde o céu e o mar se encontram, onde as ondas se adoçam, não duvide, Ripchip! Que no leste absoluto está, tudo o que procura encontrar!”

Ripchip é renovado após sua interação com Aslam e abdica de sua honra para seguir sua busca, representando o anseio cristão pelo repouso eterno. Ao fim de sua jornada, Ripchip chega ao seu objetivo, o Além-Mar esperado. Despedindo-se de seus amigos, parte alegremente para o lugar que tanto procurou.

Eustáquio, introduzido em “A Viagem do Peregrino da Alvorada”, exemplifica a necessidade de redenção. Inicialmente um menino mimado e sem imaginação, Eustáquio transforma-se em um dragão ao tomar posse do tesouro amaldiçoado. Esse evento revela sua verdadeira natureza e marca o início de sua redenção. Ao encontrar Aslam, Eustáquio tenta, sem sucesso, remover sua pele de dragão, até que Aslam o ajuda, transformando-o de volta em menino.

Eustáquio apresenta paralelos com o apóstolo Paulo, criado rigidamente no judaísmo, Paulo era fariseu, orgulhoso de sua disciplina, mas vingativo contra os cristãos — figurativamente, um dragão. Em uma noite, Eustáquio vê um leão dourado que o chama. Chegando a um lago, o leão pede que ele tire a “roupa” e se banhe, referindo-se à sua pele de dragão. Eustáquio tenta arrancá-la várias vezes, mas as escamas sempre retornam. Finalmente, o leão, com suas garras afiadas, remove a pele, transformando Eustáquio de volta em um menino. Após banhar-se no lago e receber novas roupas, conta tudo a Edmundo e descobre que o leão é Aslam.

Root *et al.* (2013) argumenta que Eustáquio não poderia ser salvo sem passar pela dor. Para encontrar Aslam, ele precisa renunciar a seus poderes e se deixar curar. Assim como Paulo, ao encontrar com Jesus na estrada de Damasco, tem suas escamas dos olhos removidas, Eustáquio tem suas escamas de dragão retiradas, tornando-se assim uma nova pessoa, que lutará até o fim por Nárnia, retornando no futuro junto com Jill Pole.

Todas essas trajetórias em direção ao anseio do coração culminam no sétimo volume, “A Última Batalha”. Em meio a muitos enganos e traições, descobre-se que os “Sete Amigos de Nárnia” — Digory, Polly, Pedro, Lúcia, Edmundo, Eustáquio e Jill Pole — finalizam suas jornadas terrestres e são conduzidos ao País de Aslam, onde são calorosamente recebidos pelo Grande Leão. Nesse local, recebem a notícia de que a antiga Nárnia, que conheceram e tanto amaram, era apenas uma sombra do lugar em que agora se encontram, a Real Nárnia, que perdurará eternamente e da qual nunca mais precisarão partir.

Ao adentrarem os portões dourados, reencontram antigos amigos, como Ripchip e Caspian, bem como os guerreiros com os quais lutaram e vivenciaram incríveis aventuras. Quanto a Susana, Pedro informa que ela já não é mais amiga de Nárnia, pois deixou de acreditar em Aslam e voltou seu coração para as futilidades da vida, perdendo assim o foco do verdadeiro anseio do coração.

## **5 Considerações finais**

A presente investigação sobre a influência do Cristianismo na obra de C.S. Lewis revelou uma profunda intersecção entre as figuras de Aslam e Jesus, bem como uma reflexão densa sobre mitos, vazio existencial e a busca por Deus. O estudo confirmou que as convicções religiosas de Lewis permeiam suas obras literárias, oferecendo aos leitores uma lente cristã para explorar questões espirituais e filosóficas.

Ao longo deste trabalho, evidenciamos como a biografia de Lewis, marcada por sua peregrinação intelectual e espiritual, influenciou profundamente sua escrita. Sua jornada pessoal de conversão ao Cristianismo não apenas moldou sua visão de mundo, mas também se refletiu em suas obras, onde ele frequentemente abordava o vazio interior e a busca pela “Alegria” como representações do anseio humano por Deus.

A análise de “As Crônicas de Nárnia” revelou como Lewis utilizou o universo fantástico para explorar e ilustrar conceitos cristãos complexos. A criação de Nárnia em paralelo à criação bíblica, o sacrifício de Aslam como uma alegoria do sacrifício de Jesus, e a busca dos personagens por seu verdadeiro lar, simbolizando a jornada espiritual para o paraíso, são exemplos claros de como suas crenças cristãs foram integradas em sua narrativa.

Nossa metodologia bibliográfica qualitativa, interpretativa e contextual permitiu uma compreensão abrangente das influências religiosas de Lewis. A análise das obras de Lewis, complementada por estudos de outros autores influentes, como Agostinho de Hipona, proporcionou uma base sólida para compreender a manifestação dessas influências em sua produção literária.

Os personagens de Lewis, como Príncipe Caspian, Ripchip e Eustáquio, foram estudados para ilustrar a “dialética do desejo”, onde cada personagem representa uma faceta da busca humana pelo lar verdadeiro, por relacionamentos genuínos e pela restauração do que está quebrado dentro do ser humano. Esta dialética, central na obra de Lewis, reflete seu entendimento de que a vida humana é uma peregrinação contínua em direção a Deus.

Em resumo, este estudo demonstra que a obra de C. S. Lewis é profundamente enraizada em suas convicções cristãs. Sua habilidade de tecer mitos com verdades teológicas oferece uma experiência literária que não só entretém, mas também ilumina questões espirituais e filosóficas fundamentais. Por meio de suas histórias, Lewis convida os leitores a participar de uma jornada espiritual, buscando não apenas o entendimento intelectual, mas também o encontro com a Alegria Divina.

Assim, a contribuição de C.S. Lewis para a literatura e para a teologia cristã é inestimável. Seu trabalho continua a inspirar e desafiar leitores a explorar a profundidade de suas próprias crenças e a buscar um relacionamento mais profundo com Deus. As obras de Lewis não apenas refletem sua fé, mas também oferecem um mapa para aqueles que, como ele, estão em busca do verdadeiro lar.

## **Referências**

- BLUM, J. **O fim e o começo**. Israel Institute Biblical Studies. 2018. Disponível em: <https://blog.israelbiblicalstudies.com/pt-br/jewish-studies/o-fim-e-o-comeco/>. Acesso em: 31 maio 2024.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- HIPONA, A. **Confissões**. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.
- LEWIS, C. S. **As Crônicas de Nárnia**: volume único. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.
- LEWIS, C. S. **Cristianismo puro e simples**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.
- LEWIS, C. S. **O regresso do peregrino**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.
- LEWIS, C. S. **Surpreendido pela alegria**: autobiografia. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- MACARTHUR, J. **Comentário bíblico MacArthur**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.
- MACARTHUR, J. **O evangelho segundo Deus**: a verdade essencial e profética sobre amor, graça e redenção. São Paulo: Hagnos, 2018.
- MCGRATH, A. **A vida de C. S. Lewis**: do ateísmo às terras de Nárnia. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.
- MCGRATH, A. **Apologética pura e simples**. São Paulo: Vida Nova, 2013.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2015.
- OTTO, R. **O sagrado**: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Rio Grande do Sul: Senoidal, 2007.
- PASCAL, B. **Pensées**. New York: Dover Publications, 2003.
- ATENAS, P. **O banquete**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- ROOT, J. *et al.* **O pensamento vivo de C. S. Lewis**: uma jornada espiritual pela obra do autor de “As crônicas de Nárnia”. Rio de Janeiro: Novo Céu, 2013.
- WARD, M. **Planet Narnia**: The seven heavens in the imagination of C. S. Lewis. Oxford: Oxford University Press, 2008.